

CONCURSOS FNLIJ 2017 – VENCEDORES

A principal missão da FNLIJ, de promover a leitura do livro de Literatura Infantil e Juvenil, se faz também presente por meio dos Concursos FNLIJ, criados a partir de 1994, que destacam e divulgam projetos de leituras em escolas e comunidades, além de incentivar novos autores indígenas no segmento.

A cerimônia de premiação dos quatro concursos aconteceu durante o 19º Seminário FNLIJ Bartolomeu Campos de Queirós, no 19º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, e terá a cobertura publicada na edição 8 do Notícias FNLIJ. (FOTOS DE MARISA LIMA E SÔNIA FIRMO)



Tatiana Brandão, primeiro lugar do *Concurso Os melhores programas*, Isis Valéria e Elizabeth Serra

22º CONCURSO FNLIJ OS MELHORES PROGRAMAS DE INCENTIVO À LEITURA

Ação pioneira da FNLIJ, o Concurso Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura junto a crianças e jovens de todo o Brasil chegou em sua 22ª edição. Ao completar 20 anos de concurso, a Fundação então promoveu o estudo de 71 programas vencedores, convidando o professor Luiz Percival de Britto, da Universidade Federal do Oeste do Pará – Ufopa e votante FNLIJ para coordená-lo e a professora e pesquisadora Vanessa Camasmie, do Colégio Pedro II/Universidade Federal do Rio de Janeiro para organizar, ler e estudar toda produção.

O júri da 22ª edição, composto por Elizabeth Serra, Maria Beatriz Serra, Marisa Borba, Ninfa Parreiras, Vanessa Camasmie e Viviane Siqueira analisa os projetos pela originalidade quanto à concepção e operacionalização, área de abrangência do atendimento e número de beneficiários, qualidade do acervo de livros utilizado, práticas que propiciem a criação e a geração de autonomia de leitores, dentre os públicos infantil e/ou juvenil, entre outros critérios.

Abaixo os vencedores e as resenhas feitas pelas juradas:

1º lugar

PROGRAMA: O essencial é invisível aos olhos: a literatura infantil para crianças com deficiência visual

Biblioteca Pública Municipal PE.

Agenor de Assis Alves Pinto | Lagoa Santa – MG – Prefeitura Municipal de Lagoa Santa

RESPONSÁVEL: Tatiana Soares Brandão
O Projeto *O essencial é invisível aos olhos: a literatura infantil para crianças com deficiência visual* é um convite a um deslocamento.

Porque a literatura, em sua dimensão de expressão de arte, nos convida a este movimento em que a sensibilidade vai além da visão, pois outros sentidos também que nos fazem entrar em contato com o mundo da fantasia e conhecer outros modos de viver e sentir.

Ao proporcionar esta experiência em uma Biblioteca Pública, esse projeto se torna ainda maior.

Uma seção para deficientes visuais pode

PÁGINA 4

Textos vencedores do 16º Concurso FNLIJ Leia Comigo!

PÁGINA 8

Texto vencedor do 14º Concurso FNLIJ/UKA Tamoios

PÁGINA 9

Na ilha de Jeju, na Coreia do Sul, Roger Mello lança *Magma Boy*

parecer um espaço comum em muitas bibliotecas, mas o que conhecemos com este projeto é a possibilidade de inclusão, acesso e autonomia para crianças.

Além disso, os autores chamam a atenção a uma produção editorial que ainda não atende ao público atendido pelo projeto.

Com a possibilidade de realizar empréstimos, participar de roda de leitura e hora de conto entre outras ações, essas crianças podem conhecer obras como o Pequeno Príncipe, além de belas histórias de Bartolomeu Campos de Queirós, Ruth Rocha, Elias José, Roseane Murray, entre clássicos da Literatura Infantil internacional.

2º lugar

PROGRAMA: Carro Biblioteca da UFOP: projeto de extensão e inclusão social

Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Filosofia, Artes e Cultura -
Biblioteca | Ouro Preto – MG

RESPONSÁVEL PELO PROJETO: Neide Nativa

O programa *Carro Biblioteca da UFOP: projeto de extensão e inclusão social* é um programa sócio-cultural-educativo em parceria com o Departamento de Artes e a Biblioteca do Instituto de Filosofia, Arte e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto. Trata-se de uma biblioteca itinerante que visita regularmente diferentes comunidades que estão à margem do centro artístico e cultural de Ouro Preto. Ao todo, são 493 usuários com acesso a um acervo rico e diversificado composto por 2.214 títulos. O Carro Biblioteca desenvolve ações a fim de enriquecer a formação

cultural do seu usuário como: contação de histórias; oficinas de ilustração; concurso de poesias; teatro de fantoches; adaptação e encenação de textos; atividades em datas comemorativas; correio comunitário; apresentação de peças teatrais e musicais; oficinas de fantoches, palhaços e pernas de pau. Todas estas ações acontecem por meio da extensão universitária e sob a coordenação da bibliotecária Neide Nativa. Os bolsistas do programa, futuros profissionais, são supervisionados pela bibliotecária e por um professor de arte-educação que ensina uma metodologia de trabalho. A originalidade do programa se refere à diversidade de ações artísticas ligadas à biblioteca. O programa “Carro Biblioteca da UFOP: projeto de extensão e inclusão social” mostra a importância da extensão universitária na formação profissional do aluno e no desenvolvimento cultural da comunidade local.

3º lugar

PROGRAMA: Histórias da arte para crianças: encontros entre livros e obras

Museu de Arte Contemporânea da
Universidade Federal de São Paulo |
São Paulo – SP

RESPONSÁVEL PELO PROGRAMA: Renata Sant’Anna | RESPONSÁVEL LEGAL MAC
USP: Carlos Roberto Ferreira Brandão

Pensando no iluminar os caminhos para que muitos apreciem melhor o prazer estético, foi criado o programa *Histórias da Arte para crianças: encontros entre livros e obras* do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. Segundo o projeto, é prática deste incluir “não apenas as visitas orientadas às escolas, mas,

também, outras formas de contato com a arte por meio da leitura de livros que tem como objetivo estimular a leitura e proporcionar um encontro com a arte, enriquecendo, desta maneira, a experiência de ver e ler”. Projeto ousado e necessário, encantador e dinâmico; imprescindível, pois abre espaços para olhos, por vezes inexperientes, que ainda não alcançaram a iniciação devida.

Ler o livro propicia o conhecimento da palavra que se eterniza na obra escrita, para que esta se reproduza e alcance muitos outros leitores. Ver a obra, primeiro compreendida pela palavra, degustada num primeiro momento do se devorar a escrita, garante a experiência de um outro saber: esmiuçar detalhes pressentidos e provar o sabor da descoberta da tinta sobre a tela. É uma emoção ímpar, única, a qual se eternizará na memória pelo poder da autoridade presente na arte à sua frente. É a sua aura.

Como em um ciclo necessário, há que se conhecer a completude do criar – permitir-se artista para também experimentar aquilo a que os olhos se encheram de encantamento. Ao final, a técnica, ou uma atividade prática, será realizada para que se feche o processo de forma harmoniosa. Qual criança, adolescente ou até mesmo adulto, não se encanta com tal convite?

Assim é o projeto vencedor. Deste modo, premiar o MAC USP é conferir à arte da escrita e às artes plásticas o presúpuesto maior de Antonio Candido – especialmente no que tange à literatura - que é o de conferir a todos seu direito de conhecer o belo, o de humanizar-se em sentido profundo, o de experimentar seu poder de criação. É conferir ao homem



Elton Ferreira de Mattos e Sônia Marcelino representando Neide Nativa, segundo lugar do *Concurso Os melhores programas*



Marisa Borba, Renata Sant’Anna, terceiro lugar do *Concurso Os melhores programas* e Elizabeth Serra

seu direito fundamental de reconhecer-se em um processo amplo, digno de toda sua humanidade.

Menção Honrosa

PROGRAMA: **Parceiros da leitura**

Belo Horizonte – MG

RESPONSÁVEL PELO PROGRAMA:
Fundação Vicintin | RESPONSÁVEL LEGAL:
Mariza Bello Vicintin

A Fundação Vicintin é uma organização sem fins lucrativos, fundada em 1985, com o objetivo de desenvolver programas, projetos e ações sociais integradas às políticas setoriais dos municípios de Bocaiuva-MG e adjacências.

O Programa *Parceiros da Leitura* é de grande abrangência e atua em escolas públicas e instituições filantrópicas, atendendo a crianças e jovens de 0 a 15 anos, em vários espaços, com diferentes ações de incentivo à leitura, a saber:

Baú Literário (de 2005 até hoje)

Tesouros da Leitura (início em 2016)

Projeto Cultura Livro & Cena (início em 2017).

Nestas três ações são realizadas doações de acervos literários (50 títulos) às bibliotecas e salas de leituras das escolas públicas e entidades filantrópicas. No momento, atende a 43 instituições. Estas ações são acompanhadas de encontros pedagógicos com educadores e bibliotecários, visando a formação de mediadores.

Oficinas Literárias e Contações de histórias, a partir de 2011, com leitura semanal de livros para crianças e adolescentes, oficinas de criação e atividades lúdicas de incentivo à leitura, mediações de leitura junto à educadores e gestores,

esquetes teatrais e apresentação de obras literárias.

Projeto Olimpíadas de Leitura (desde 2013) – é uma gincana literária semestral onde os alunos do Ensino Fundamental são incentivados a efetuar o empréstimo de livro e realizar a leitura completa

Finalizando, as ações deste projeto vão ao encontro da proposta de democratização do acesso ao livro literário e à formação do leitor. O projeto é de grande abrangência e seu acervo é numeroso, com muitos títulos bons, de qualidade literária e de grande diversidade de autores e editoras.

Destacamos a importância dada à formação do mediador de leitura.

Em sua proposta de continuidade está previsto o aumento de atendimento às escolas, passando para um total de 58.

14º CONCURSO FNLIJ/UKA CURUMIM – LEITURA DE OBRAS DE ESCRITORES INDÍGENAS

Voltado para projetos que divulgam a literatura infantil indígena, o concurso teve os seguintes vencedores:

1º lugar

Projeto curumim contou

AUTORA: Ana Cristina Motta da Silva |
Porto Alegre – RS

Este projeto, além de proporcionar aos alunos da Escola Municipal Profa. Ana Íris do Amaral o encontro com obras de autores indígenas, inclui alguns pontos

que também justificam sua premiação: Pesquisar e conhecer povos originários e etnias que vivem no Rio Grande do Sul
Conhecer diferentes autores indígenas
Visitar uma aldeia indígena e entrar em contato com “nhandereko, ou seja, o jeito Guarani de ser”

Realizar parcerias com uma escola indígenas

Produzir um livro bilíngue com a participação de alunos das duas escolas.

E dessa forma podemos aprender como a escola é potente ao proporcionar aos seus alunos o contato com a arte e a cultura! Parabéns a Escola Municipal Profa. Ana Íris do Amaral.

2º lugar

Povos indígenas: conhecer para respeitar – leitura: fonte de conhecimentos

AUTORA: Raquel Cristina Pimentel
Ferreira | Americana – SP

Em um texto muito bem em escrito, passamos a conhecer uma interessante metodologia, rica em ações. Em um processo de ensino – aprendizagem dinâmico e instigante, alunos e professores, passam a perceber a necessidade de desmitificar uma imagem indígena que ainda é presente em nossa sociedade.

A leitura de texto de obras de vários autores indígenas traz a preocupação de garantir uma diversidade de autores. E nos deixa o ensinamento, resultante deste projeto:

A leitura dessas lendas, bem como a discussão, a construção de sentidos, a ampliação do saber, oportunizou o reconhecimento ao diferente, àquilo que eu não entendo, mas devo respeitar.



Elizabeth Serra, Ana Cristina da Silva, primeiro lugar *Concurso Curumim*, Daniel Munduruku e Patrícia Dias



Elizabeth Serra, Raquel Cristina Pimentel, segundo lugar *Concurso Curumim*, Daniel Munduruku e Marisa Borba

16º CONCURSO FNLIJ LEIA COMIGO!

Relato Real

O chefe da polícia mandou avisar que lá no cabrita ainda há muito o que sonhar...

AUTORA: Jenny Iglesias Polydoro
Fernandez | Rio de Janeiro – RJ

Relato Ficcional

O livro da capa vermelha

AUTORA: Sônia Travassos | Rio de Janeiro – RJ

A moça dos livros

AUTORA: Sílvia Barbosa de Carvalho | Rio de Janeiro – RJ

14º CONCURSO FNLIJ/UKA TAMOIOS DE TEXTOS DE ESCRITORES INDÍGENAS

Vencedor

O sopro da vida

AUTOR: Olavo Batista da Silva (Povo Wapichana) | Brasília - DF



Elizabeth Serra, Jenny Iglesias, vencedora *Leia Comigo!*, Jonê Carla Baião e Marisa Borba



Elizabeth Serra, Sílvia Barbosa, vencedora *Leia comigo!*, e Isis Valéria



Elizabeth Serra e Sônia Travassos, vencedora *Leia comigo!*



Elizabeth Serra, Olavo Batista da Silva, vencedor *Concurso Tamoiós* e Daniel Munduruku

16º Concurso FNLIJ Leia Comigo! | Relato Real

O chefe da polícia mandou avisar que lá no Cabrita ainda há muito o que sonhar... *

Relato de situação real por Jenny Iglesias Polydoro Fernandez

O ano de 2016 conjugou o quarto centenário de morte de William Shakespeare e de Miguel de Cervantes e o centenário do Samba. Com dois temas tão relevantes, nossa escola organizou uma Semana Literária com o objetivo de contemplar grandes clássicos da literatura e a importância do Samba como patrimônio cultural da humanidade. O espaço de ensino refere-se à Escola Municipal Francisco

Cabrita, unidade que atende ao bairro da Tijuca e adjacências, com jovens entre 10 e 15 anos, que estudam no 2º segmento do ensino fundamental.

A proposta desta Semana surgiu de uma conversa informal com alguns professores que desejavam implementar uma prática pedagógica que pudesse democratizar a Arte na escola e estimular a leitura literária dos alunos. Em conjunto com a direção, coordenação, corpo docente, e funcionários da escola, definimos que a Semana Literária seria o projeto da Francisco Cabrita, de todos nós, já que “sonho que sonha só é só um sonho que sonha só... sonho que sonha junto é realidade”.

Sob a coordenação da professora regente da Sala de Leitura, iniciou-se a divulgação do evento para todas as turmas do colégio. Os alunos receberam explicações e informações sobre o projeto e o mais importante: foram convidados a participar com ideias e propostas! Nossa intenção

era estimular a autonomia dos estudantes a partir do momento que eles se apropriassem do evento.

Intitulada “Donga convida: Shakespeare, Cervantes e quem mais chegar...”, a Semana Literária tinha como fios condutores os clássicos da Literatura e a história do Samba. Então, este projeto foi desenvolvido através das leituras compartilhadas em salas de aula, com a parceria entre a professora da Sala de Leitura e os professores das demais áreas do conhecimento.

Assim, entre setembro e novembro de 2016, todas as 14 turmas da Francisco Cabrita fizeram a leitura, de pelo menos, um clássico da Literatura em sala de aula. De forma criteriosa, foram escolhidas boas adaptações de *Romeu e Julieta*, *A megera domada* e *Otelo*, de Shakespeare; *Dom Quixote de La Mancha*, de Cervantes; *A volta ao mundo em 80 dias*, de Júlio Verne; *Helena*, de Machado de Assis. Somadas a estas leituras, ensaios de músicas de

Cartola, Ismael Silva e Pixinguinha ecoavam pelos corredores da escola.

Sabemos dos impactos que criamos ao entrar em salas de aulas de matemática, por exemplo, para lermos os clássicos. A mudança da visão tradicional em que “tenho de dar matéria para prova” abre espaço para: “que bom, vamos ler juntos!” Este movimento se repetiu nas aulas de inglês, de história, de geografia, de ciências, de português... E gerou uma boa expectativa entre alunos e professores que já esperavam “a hora da leitura”! Interessante foi receber notícias de que muitos professores foram contagiados e resolveram ler com as turmas outras obras, e assim, houve turmas que leram até mais de um título ao mesmo tempo.

Estes encontros eram semanais e a leitura era feita por capítulos sempre com a participação voluntária dos alunos, que aos poucos foram vencendo a timidez de ler em voz alta para toda a turma e as suas próprias limitações. Então, neste período, entre alunos e professores, ultrapassamos o número de 500 leitores lendo histórias, conhecendo personagens e se apropriando dos textos literários. Fato que é motivo de orgulho para a nossa comunidade escolar e também ajuda a explicar o protagonismo dos estudantes nos belos trabalhos nos

murais e nas paredes, nos ensaios teatrais, nas conversas sobre os textos, nas leituras dramatizadas, nos sambas cantarolados e, também, no nervosismo dos alunos que dramatizaram, com orgulho, trechos de algumas obras lidas.

A programação da Semana Literária foi extensa e contou com a visita de escritores renomados como: Júlio Emílio Braz e Luciana Sandroni. Foram bate-papos descontraídos em que alunos e professores puderam perguntar, expor suas opiniões e conhecer mais sobre o ofício da leitura e da escrita.

A participação dos professores e funcionários em declamações de poesias, leituras de textos e músicas e apresentação de jograis foi um exemplo bonito para os alunos que puderam assistir a estes profissionais que tinham como único objetivo emocionar o público. Emoção também todos sentiram, na abertura da Semana, quando uma turma cantou músicas do mestre Cartola, ou ainda, ao ouvir o coro afinado de um outro grupo cantar Não deixe o samba morrer, eternizado na voz da intérprete Alcione.

O evento incluiu ainda palestras que abordaram desde a importância do estímulo à leitura na mais tenra idade até o jovem leitor que se apaixona pela obra de

Clarice Lispector e de Machado de Assis; a Literatura de Cordel foi apresentada para uma plateia atenta, que, também, lotou o auditório para assistir o espetáculo teatral Acorda Amor, com a atriz Florência Santangelo.

Em espaços abertos da nossa escola, recebemos com entusiasmo os jovens ritmistas da Bateria da Império da Tijuca, e o grupo de dança Origens que nos apresentou com performances afrodescendentes. Nestas apresentações, nossos alunos, também ritmistas e dançarinos, sentiram-se à vontade para participar e entraram na roda para celebrar a pluralidade cultural do nosso povo.

Durante alguns meses, nossa escola se envolveu e abraçou a ideia de realizar uma Semana Literária, e quem poderia acreditar lá em julho que em final de novembro, quando nossas forças já se foram, num difícil 2016, a gente ainda veria uma escola colorida, alunos com livros para cima e para baixo, professores agitados, todo corpo da escola, todo, envolvido porque queria ver Donga, Cervantes, Shakespeare e quem mais chegasse... e chegou muita gente!

*O título foi sugerido pela professora de Português Jonê Carla Baião.

16º Concurso FNLIJ Leia Comigo! | Relato Ficcional

O livro da capa vermelha

Relato de situação ficcional por Sônia Travassos

Quando era pequena, Nina ouvia muitas histórias contadas pela mãe, num livro de capa vermelha, recheado de histórias antigas. Suas preferidas eram Cachinhos Dourados e O Lobo e os sete cabritinhos. De Cachinhos Dourados a menina gostava porque também possuía cachinhos e, dentre as três irmãs, era a que tinha o cabelo mais alourado. Por isso seu pai a chamava de “cachinhos dourados do pai”. Mas havia outra história que, por motivos bem diferentes, também a encantava, fazendo seu

coração palpitar. Era O Lobo e os sete cabritinhos. O que mais a impressionava neste conto era a ilustração do lobo entrando na casa dos cabritinhos e estes, apavorados, se escondendo onde podiam. Porém, o malvado acabava por descobrir todos os esconderijos e comia cada um dos cabritinhos, menos o mais novo, que se escondia dentro da caixa do antigo relógio da sala. Ufa! Pelo menos havia sobrado um, pensava a menina, e debruçava-se ansiosa sobre a única ilustração colorida da história e que parecia se movimentar diante das emoções da cena. O olhar da menina detinha-se em cada detalhe da ilustração, em cada esconderijo, em casa móvel virado, até que encontrava no canto da página, na fresta entreaberta da porta do antigo relógio, o cabritinho que se salvara da fome do

lobo. Só dava pra ver um pedacinho dele, mas ele estava sempre ali. Bem escondidinho.

Os anos se passaram, Nina cresceu, virou mãe, virou professora. Contava histórias diariamente, para seus filhos e para as crianças da escola onde trabalhava. Adorava! Certo dia, quando pensava em que história leria para seus alunos, lembrou-se daquele conto, daqueles cabritinhos escondidos e daquele lobo que a todos devorava. Mas como era mesmo a história? Não se recordava bem. Tentou puxar pela memória, mas em sua lembrança de menina, ficara apenas o momento no qual a ilustração mostrava a casa revirada e os cabritinhos sendo descobertos.

Nina gostava de contar a seus alunos as histórias que ouvira na infância,

poderia repetir alguma delas. Mas naquele dia era O Lobo e os sete cabritinhos que ela queria contar. Não sabia bem porque, mas a necessidade daquela história já tomara conta dela. Foi então que se lembrou do livro de capa vermelha. Claro! Ela o havia trazido na mudança para a nova casa. Correu na estante do quarto dos filhos e, misturado aos livros de seus meninos, no canto de uma prateleira, lá estava ele. O livro de sua infância. Com uma cegonha e um lobo na capa e a folhas amareladas do tempo. Foi com o coração palpitando que puxou o velho livro da prateleira, abriu-o com cuidado e começou a folheá-lo. Lá estavam todos eles: o lobo, os sete cabritinhos, a Cachinhos Dourados, a Dona Baratinha... E Nina ficou ali, totalmente esquecida da hora, perdendo-se de página em página, reencontrando personagens queridos, revendo as ilustrações, lendo uma frase aqui, outra ali...

— Nina, você não vai para o trabalho? Os meninos já estão prontos.

Acordada pela voz da babá, Nina fechou o livro sem ter lido a história que queria, colocou-o na bolsa, pegou os filhos pelas mãos e saiu atrasada em busca de um táxi. No caminho pensou: como posso contar essa história se não me lembro do que acontece? E se os cabritinhos não forem salvos? Alguma criança pode se assustar com a história. É melhor eu ler primeiro. Abriu o livro e começou a ler silenciosamente.

— Mãe, eu também quero ouvir essa história.

— Filho, deixa a mamãe ler aqui rapidinho. De noite eu te conto.

Mas Nina não resistiu ao pedido do filho maiorzinho e começou a ler em voz alta. Se um dos meninos ficasse com medo, ela saberia consolá-lo.

“Era uma vez uma cabra que tinha sete cabritinhos. Ela os amava com todo

o amor que as mães sentem por seus filhinhos. Um dia, ela teve de ir à floresta em busca de alimentos. Então, chamou os cabritinhos e lhes disse: - Queridos filhinhos, preciso ir à floresta. Tenham muito cuidado por causa do lobo. Se ele entrar aqui, vai devorá-los todos.”

Nina lia com entonação e tinha o conto sob seu domínio. Sabia que o lobo surgiria, que enganaria os cabritinhos e que conseguiria entrar na casa. Em sua narração, brincava com as vozes dos personagens e ia criando expectativas sobre o que viria pela frente. Só que na medida em que a história se aproximava da parte em que o lobo entraria na casa e comeria os cabritinhos, ela mesma começou a ficar apreensiva. Não se lembrava do final. E se eles não se salvassem? Seu coração começou a acelerar, como quando era criança e a voz da mãe lhe contava daquele lobo e daqueles cabritinhos assustados. Era como se ela estivesse ouvindo a história pela primeira vez. Enquanto narrava, voltou-se para a conhecida ilustração, em busca de alguma resposta, mas sua aflição impediu-a de perceber o cabritinho a salvo na caixa do relógio. Mesmo assim, Nina continuou a história: mas agora, não era mais apenas a sua leitora, era também sua ouvinte, ansiosa pelo desfecho final.

Dentro do táxi, apenas as palavras do conto ressoavam.

“O lobo foi achando e comendo, um a um, cada um dos cabritinhos. Só escapou o mais moço, que estava na caixa do relógio. Quando satisfez seu apetite saiu [...]. “Momentos depois, a cabra voltou da floresta, procurou os filhinhos, mas não os achou. Chamou-os pelos nomes, [...] quando chamou o mais moço, uma vizinha muito sumida respondeu: - Mãezinha querida, estou aqui, no relógio. [...] Depois de algum tempo, ela saiu pelas redondezas. O cabritinho acompanhou-a. Quando chegaram ao gramado,

viram o lobo dormindo debaixo de uma árvore”.

De repente, Nina fez uma pausa e seu rosto apreensivo foi mudando de expressão. Era isso! A mãe ia conseguir tirar os cabritinhos da barriga do lobo! Deu um longo suspiro e, novamente dona da história, continuou sua leitura. No banco do carro, seus filhos ainda esperavam pelo final do conto.

E foi assim, desfiando com emoção cada palavra do texto, cada passagem que ainda faltava acontecer, que Nina foi compartilhando com seus filhos a leitura de O Lobo e os sete cabritinhos. Percebeu a torcida dos filhos para que o lobo não acordasse enquanto a cabra abria sua barriga. E mesmo sabendo que o plano daria certo, torceu junto com eles. Viu como os meninos vibraram com a saída de cada um dos cabritinhos de dentro do lobo. E vibrou junto. E quando a história contou que cada cabritinho, ao ver-se a salvo do malvado, abraçava com alegria a mamãe cabra, apertou os filhos entre os braços e deu-lhes muitos beijinhos. Por fim, quando o lobo caiu no poço e finalmente morreu, Nina, tão animada quanto os cabritinhos e os filhos diante do final feliz da história, cantarolou: “Podemos viver, sem ter mais cuidado, o lobo morreu, no poço afogado.” Repetiu uma, duas, três vezes e caiu na gargalhada com seus meninos. Depois, guardou o livro na bolsa. Estavam quase chegando à escola.

Quando o táxi parou, o motorista recebeu a corrida e comentou: muito boa essa história que a senhora contou. Nina sorriu. Não há mesmo idade para se ouvir uma boa história, pensou. Agradeceu o comentário e saiu do carro com as crianças. Estava feliz. E pronta: para dar sua primeira aula do dia e para mais uma vez mergulhar na história O Lobo e os sete cabritinhos.

movimento por um Brasil literário
m **B** *Brasil* *lit*

Acesse www.brasilliterario.org.br e saiba mais



**QUERO MINHA
BIBLIOTECA**

Acesse www.euquerominhabiblioteca.org.br

A moça dos livros

Relato de situação ficcional por Silvia Carvalho

Meus pais se conheceram em uma estação de trem no subúrbio do Rio de Janeiro, esta cidade ainda maravilhosa apesar de tantos dissabores. Ele de terno e gravata, bigode fino, fazendo o estilo galã de cinema da época. Nas mãos, um exemplar do jornal O Dia. Ela, bem tímida, de poucas palavras e olhar doce. Seu vestido godê, feito por ela, era de estampa floral, delicado e muito bem passado. Bolsa de pérolas, também obra sua. Os dois, a caminho do trabalho. Ele gostou dela. Ela gostou dele. Namoraram. Noivaram. Casaram. Tiveram uma longa vida juntos. Riam com facilidade e apreciavam as coisas simples do dia a dia.

Nunca brigavam na nossa frente. Exceto quando a polemica era o “bendito jornal”, como ela costumava referir-se à publicação diária. Reclamava que era um gasto desnecessário já que as notícias eram iguais. Ele retrucava que ela deveria ter desistido dele lá, na estação de trem. Porque um homem que carregava um jornal, haveria de ser alguém que gosta de ler.

Chegou a realizar complexa operação matemática em favor do tabloide, com o montante aproximado de informações perdidas, não fosse ele manter o hábito de comprar o jornal. Ao que ela contratacou valendo-se do capital imaginário para adquirir viagens, casas, carros e tudo mais que conviesse às suas motivações. As possibilidades eram infinitas. Nós achávamos graça daqueles embates, principalmente por que liam o jornal juntos, todos os dias. Nunca soubemos o porquê da contenda. Talvez fosse o jeito que encontraram de rejuvenescer o afeto. Mas, quem haverá de entender os amantes?

Além dos jornais, havia os livros. Sempre estavam lá, ao alcance dos interessados. Alguns chegavam pelo correio, através do Círculo do Livro. As

bancas de jornal, eu amava. Mas, não tenho lembrança de frequentar livrarias, o que reforçava minha teoria de que os livros eram encantados. Apareciam quando dele precisávamos.

Gostávamos de ler juntos e inventar novos caminhos para nossos personagens prediletos. Arriscamos a vida entre os perigos de A Ilha Misteriosa e mergulhamos nas profundezas do mar em Vinte mil léguas submarinas, ambos de Julio Verne; experimentamos as dificuldades de estar no lugar do outro em O príncipe e o mendigo, de Mark Twain; conhecemos príncipes, ladrões, mentirosos, alfaiates e reis nos Contos das mil e uma noites. Foram muitas as viagens mais que lidas, contadas em família.

Eram os tempos sombrios da ditadura militar, mas em casa vivíamos em um Estado independente de leitura, sem censura. Se estivesse por lá, podia ser lido. Simples assim. Isso me levou aos livros: Como plantar cebolas, Como montar uma estação de rádio, Manuais de mecânica de trens e automóveis, livros de arquitetura e vários de Agatha Christie e Mutações de Liv Ullmann, estes últimos bem menos indicado ao público infante-juvenil, eu reconheço. Um não tive coragem de abrir: O Universo em Desencanto. Ouvi dizer que quem o lia, ficava louco. Então a leitura enlouquece? Achei melhor não arriscar. Foi a primeira vez que me deparei concretamente com o poder do livro.

Uma tarde, já adulta, meus pais chegaram com um presente: A menina que roubava livros, de Markus Zusak. Na dedicatória: “Para a menina que ama os livros, a história de outra menina que também devia gostar já que andou por aí a roubá-los! Leia e depois nos conte a história, queremos conhecer os motivos da moça. Com amor, seus pais”.

A vida ainda deu muitas e muitas voltas depois daquele presente. E, aos poucos, ele foi desaprendendo a compartilhar notícias, perdeu o caminho de casa e do pensamento. Um dia me olhou desencantado, às mãos, o jornal:

– Eu conheço as letras, mas não consigo

juntar as palavras...

Morreu ali, muito antes de morrer de vez, alguns anos mais tarde. Passei a juntar as palavras por ele. Lia o jornal, bang-bangs, ditados, letras de música, dedicatórias, histórias da infância. Meu jeito de tentar trazê-lo de volta.

De tanto brincar de esconde-esconde, a memória se perdeu dele de vez. Como um quadro branco, onde depois de repetidas escrituras, ficam apenas os rastros das muitas histórias escritas nele, foi sumindo em si mesmo. Um estranho, vivendo entre estranhos. Nós também estranhos naquele cenário sem lembranças.

– Eu conheço você? – me perguntou um dia.

– Sou eu, pai, sua filha.

– Eu tenho filha?

Emudeço. Dedicava seu tempo a me observar tentando dar sentido aquele encontro. Toca minha mão e pega o exemplar que trago comigo: Mar morto, de Jorge Amado, presente dele para minha irmã. Experimenta o livro, virando e revirando o objeto ensaiando a palavra e seu sentido correspondente.

– Livro... Eu gosto...

– Eu também. Posso ler para você?

– Pode.

Começo a leitura, voz embargada. Ainda nas primeiras linhas, me interrompe. Parece retornar ao mundo dos vivos. No rosto um lampejo de seu brilho de antes, falseando um sorriso. Bate na testa como quem precisa ajudar a cabeça a funcionar.

– Ah, mas eu sei quem você é! Você é a moça dos livros.

A definição me comove, tanto quanto sua alegria em nomear minha existência. Relembro o livro e a dedicatória de anos atrás. Fina ironia do destino? Não creio. Aquele era mais um dos momentos em que a mágica da literatura se revela. Como na história que nunca leram, estava eu ali, brincando de enganar o tempo e seduzir a morte com a leitura. Embate inglório, mas necessário.

– Sim, eu sou a moça dos livros.

O sopro da vida

Kamuu Dan Wapichana

Wyn Dan era um menino de olhos puxados, cabelos castanhos lisos, de cor morena-clara, com feições que lembravam a mãe. Tinha quatro anos e nascera em um lugar onde se cultivava a tradição dos povos originários e do Cerrado do Planalto Central.

Certo dia encontrou, na primeira manhã que caía as frutas do cerrado, algo que não sabia direito o que era e foi logo perguntar a seus irmãos. Uionare a única menina dentre os 7, lhe explicou que era uma semente. Ficara intrigado e perguntou o que era uma semente. Uionare respondeu que ela caía da árvore, e que era um bebê. — Um bebê? disse ele. Então, saiu correndo gritando que tinha encontrado um bebê. Naquele dia ele passou a procurar os bebês para brincar.

Wyn Dan brincava naquele ambiente experimentando o gosto do frio no amanhecer da floresta cercada pelas recentes construções de prédios. A primeira coisa feita logo que começava a caminhar sozinho fora da casa, era explorar o seu quintal. Coletava folhas, flores, galhos e assim uma variedade de coisas novas pra sua memória. Escalava com propriedade pequenos arbustos e descobria cada vez mais o seu universo. E, assim, conheceu as sementes bebês.

De muito longe, pajés vinham àquele lugar sagrado, seja para tratarem das doenças das pessoas ou simplesmente resolver alguma coisa na Capital.

Quando chegavam os pajés, Wyn Dan os observava soprar as pessoas e fazer gestos como se retirasse alguma coisa delas.

Se aproximando de seu pai, Wyn Dan muito curioso, perguntou o que estava acontecendo. Seu pai lhe respondeu que o Pajé estava cuidando das pessoas, como fazem os médicos no hospital. Não satisfeito continuou a questionar: — Ele precisa soprar? Com um sorriso carinhoso, imaginando quão esperto era aquele kurin, seu pai respondeu que ao soprar o Pajé fazia com que as doenças se afastassem pra bem longe.

Wyn Dan ficou pensando naquilo. Como era possível apenas um sopro curar as pessoas?

Normalmente a família se juntava para preparar a terra, coletar sementes e fazer mudas. Um dia o pequeno ouviu seu pai reclamar que as sementes estavam doentes e não serviam para plantar. Sem pensar muito ele rapidamente pegou a semente e começou a soprar. Espantado o pai ficou observando até que não resistiu a perguntar:

— Wyn Dan, o que você está fazendo?

— Dary, estou tratando as sementes doentes. Respondeu o menino.

Seu pai guardou o comentário para si e nada falou, pois tinha certeza que as sementes não poderiam ser aproveitadas.

No outro dia, Wyn Dan fora verificar as sementes e esperava que já estivessem boas, mas, infelizmente continuavam do mesmo jeito. Indignado procurou seu pai e lhe perguntou porque as sementes não estavam curadas, seu pai respondeu que ele precisava praticar mais, pois assim os pajés faziam. Wyn Dan então começou a soprar todas as sementes que via. Ele pensava que treinando soprar as sementes, elas não ficariam mais doentes.

Depois de muito esforço pelo quintal soprando tudo, Wyn Dan sentou-se ao

lado da sua mãe e comentou firmemente que agora as sementes não iriam mais adoecer. Querendo saber mais sobre o que pensava a mãe perguntou se ele gostaria de aprender a soprar bem. Num pulo eufórico afirmou que sim. Mas questionou:

— Mas quem vai me ensinar?

— Os pajés!

— Quando?

— Quando eles aparecerem aqui novamente, você ficará atento e observará o que eles fazem.

Assim, todos os dias, o kurin aguardava ansioso o dia quando poderia ver o pajé até que um dia ao brincar no terreiro, sem motivo aparente saiu correndo para frente da casa e assim iniciou o diálogo:

— Kaimén Pygar. Disse ao pajé. — Kaimén. Respondeu-lhe o pajé.

Wyn Dan foi logo falando que o estava esperando há muito tempo para aprender a soprar sementes. Logo o Pajé quis saber porque Wyn Dan gostaria de aprender a soprar. E numa rapidez impressionante, ele respondeu que precisava salvar as sementes. De fato, o pajé sabia que não só as sementes do seu terreiro, mas todas as sementes do mundo estavam ficando doentes, desaparecendo ao serem transformadas em outras plantas que não poderiam gerar sementes para germinar.

O costume tradicional dos povos indígenas era a troca das melhores sementes para assim não as perder, explicou o pajé ao kurin. E assim começou o aprendizado daquele pequeno pajé. O ancião colheu algumas sementes e começou a contar-lhe suas histórias.

— No meu tempo de criança — disse o Pajé, havia muitas festas. Cada vez que se colhia sementes agradecíamos ao Grande Espírito. Cada semente tem o seu dono,

**Participe dos
Concursos
FNLIJ 2018!**

Acompanhe pelo site www.fnlij.org.br ou pela página do Facebook da FNLIJ o lançamento das próximas edições do concursos!

Na ilha de Jeju, na Coreia do Sul, Roger Mello lança *Magma Boy*

foram eles que nos deram todas as sementes. Algumas vieram das estrelas, outras das águas, outras pelo vento e muitas da própria Mãe Terra. Mas, foram os nossos irmãos, os animais das florestas que nos ensinaram a plantar. Disse ainda que ele viria sempre e continuaria as aulas sobre as plantas. Também deixou uma tarefa: que Wyn Dan coletasse todas as sementes que pudesse e as guardasse num lugar limpo e seco, bem longe de bichinhos que se alimentam delas.

Depois que o Pajé partiu o pequeno foi falar com seu pai e contou sobre seu longo aprendizado. Seu pai pensou que era brincadeira e não levou a sério a sua história. Dedicado, Wyn Dan brincava e guardava as sementes, e assim foi aprendendo que elas precisavam também estarem protegidas.

O ano todo Wyn Dan recebeu visitas do Pajé e enquanto brincava com as sementes ia aprendendo os seus segredos, formatos, cores, tamanho e formas.

Um dia, Wyn Dan estava ajudando no viveiro e percebeu que seu pai estava colocando as sementes de cabeça para baixo e chamou a atenção para a forma errada que Dary as plantava nos berçários. E rapidamente disse:

— Dary, o Pajé falou que essa parte é para cima, onde fica a cabeça da plantinha!

Seu pai ficou pensativo e perguntou aos que estavam em casa se o Pajé tinha vindo aqueles dias na comunidade. A resposta foi negativa. Então começou a ficar intrigado: como Wyn Dan estava aprendendo sobre as sementes daquela forma...

Só aos olhos de sua família isto seria um mistério... Frente aos olhos de Wyn Dan os espíritos ancestrais eram tão reais como todos os demais seres da floresta na qual vivia e com os quais aprendia a cuidar dos bebês das plantas e do futuro de muitas espécies. No fundo, bem no fundo, nem mesmo o pequeno Kurin tinha ideia de que dentro dele germinava um grande pajé.



Roger e Wally De Doncker



Roger, Junko Yokota e Kang Woo-hyon

Resultado de um trabalho a quatro mãos de Roger Mello e de Kang Woo-hyon, designer coreano e Diretor Executivo da Naminara Republic (ilha de Nami – patrocinador do Prêmio Hans Christian Andersen do IBBY), o livro *Magma Boy* teve seu lançamento em maio na ilha de Jeju, cenário da história.

O lançamento contou com a presença do presidente do IBBY, Wally De Doncker, do secretário geral da Bienal de Bratislava – BIB, Viera Anoškinová, da ilustradora russa Anastasia Arkhipova, da ilustradora Marilda Castanha, entre outros. Mr. Kang, como é conhecido, levou os convidados a um passeio pela ilha Jeju e suas pedras vulcânicas, que trazem entalhes de vários artistas, como Roger, Graça Lima e Mariana Massarani.

Os trabalhos de Mr. Kang e Roger começaram em 2014 na ilha e fizeram o ilustrador brasileiro viajar por quatro vezes à Coreia para finalizar a obra. Roger conheceu a Coreia do Sul em 2010, no lançamento do livro *Peace Story*, que participou como ilustrador indicado pela FNLIJ, ao lado da escritora Luciana Sandroni. O livro reuniu escritores e ilustradores de literatura infantil e juvenil de várias partes do mundo,

Segundo Roger, *Magma Boy* fala de Haenyeo, as mergulhadoras de Jeju, que caçam conchas há séculos na região. A cultura Haenyeo foi inscrita em 2016 na Lista do Patrimônio Cultural Imaterial da UNESCO. *Hoje são senhoras entre os 70 e 80 anos. Há uma menina, cuja avó Haenyeo completou 100 anos. Elas costumam a história do Magma Boy, Menino Magma que explode criando um mundo seu e encontra o povo do fundo do mar e a Sereia*, conta Roger.

O livro é uma publicação da Nami Books, com editoria artística de Junko Yokota, presidente do júri do Concurso de Ilustrações de Nami e diretora do Center for Teaching through Children's Books, em Chicago. *Magma Boy* vai ser lançado no Brasil pela editora Global no final do ano.



Ilustração do livro *Magma Boy*

Elizabeth Serra é Membro Correspondente da Academia Petropolitana de Letras



Agraciados pelo Prêmio APL 2017

A secretária geral da FNLIJ, Elizabeth Serra, recebeu no dia 4 de junho o título de Membro Correspondente da Academia Petropolitana de Letras.

O título é concedido a personalidades que residam fora da cidade de Petrópolis, mas que têm se evidenciado no campo das letras e cultura. A APL indicou o nome de Elizabeth pelo alto grau de importância de sua atuação como Secretária Geral da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Em seu agradecimento, Elizabeth falou sobre a FNLIJ, lembrando a atuação da fundadora Laura Sandroni. Ela também lembrou o avô, João D'Angelo, imigrante italiano, que construiu o Teatro D. Pedro, por acreditar que a cidade de Petrópolis precisava de uma casa para abrigar produções teatrais, trazendo profissionais da Itália para a obra. O teatro foi inaugurado em janeiro de 1933, construído pela Empresa D'Angelo & Cia. Ltda.

A premiação distingue anualmente figuras que se destacam em diversos segmentos culturais durante o ano e a cerimônia de entrega do prêmio faz parte do calendário cultural de Petrópolis.

Também estava presente Maria Cristina Kerti Basílio, a Kiki, como é conhecida, do projeto *Clube Cultural Dragão Azul*, que recebeu pelo seu Jornal Literário "Dragão Azul" o Prêmio Associação de Ciências e Letras para entidades culturais da APL. O projeto de Kiki é candidato pela segunda vez ao Prêmio IBBY-Asahi de Promoção da Leitura de 2018, indicado pela FNLIJ. O *Clube Cultural Dragão Azul* venceu o Concurso FNLIJ – Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura em 1994, com o segundo lugar; em 2010, no primeiro lugar e em 2014 na categoria Hors Concours da premiação.

As outras categorias da premiação da APL foram: Prêmio João Roberto d'Escagnole, pelo conjunto de obra literária



Elizabeth Serra fala na cerimônia de premiação

– Professor Leandro Garcia; Prêmio Joaquim Gomes dos Santos, pela expressiva atividade elevadora da Cultura – Casa Stefan Zweig; Prêmio Reynaldo Chaves para artes cênicas – Peça *A outra margem do rio*, do Grupo Andança, sob direção de Madson Carvalho; Prêmio Nair de Tefé para artes plásticas – Augusto Herkenhoff; Prêmio Alcindo Roberto Gomes de jornalismo – Ivone Sol do Programa de tv *Um Programa & Tal*; Prêmio Walter Bretz para pesquisa histórica – Bispo Diocesano de Petrópolis Dom Gregório Paixão, por seu livro *A Catedral de Petrópolis: Santuário da Memória da Cidade Imperial*; Prêmio Carauta de Souza para obra literária – *Era setembro e Madrugava/Flagrantes de Memória, de Fernando Magno*; Prêmio Paulo Carneiro de música – Sociedade Villa-Lobos, presidida pela Professora Myriam Dauelsberg; Prêmio Germana Gouvêia para o Magistério – Professor Ataulpa A. Pereira Filho; Prêmio Acadêmico do Ano – Christiane Magno Michelin, pelo excelente desempenho como presidente da Academia Petropolitana de Letras; Prêmio Especial – Dr. Fernando Costa, pelo imenso serviço prestado ao longo dos últimos 33 anos à Academia Petropolitana de Letras. Além dos Membros Honorários: escritor Antônio Torres (da Academia Brasileira de Letras); Lucília Gabrich Barenco (Poeta); Ronaldo Rego (Escritor) e Neyse Lioy (Pesquisadora de tradições germano-petropolitanas). O professor Pedro Benjamin Garcia da UCP (Universidade Católica de Petrópolis) também recebeu o título de membro Correspondente.

A cerimônia, apresentada pelo presidente da APL, o escritor Gerson Pereira Valle, reuniu os homenageados e suas famílias e estava muito bonita e emocionante. Durante a solenidade foi possível ter um panorama dos inúmeros e belos trabalhos em prol das artes que ocorrem na cidade imperial e também apreciar a música de câmara da orquestra Quartifuzza Ensemble.

Eduardo Portella 1932-2017



É com profundo pesar que o *Notícias FNLIJ* registra o falecimento do acadêmico Eduardo Portella no dia 3 de maio, membro do conselho consultivo e ex-membro do conselho administrativo da FNLIJ. O comunicado da morte do acadêmico foi divulgado no mesmo dia no site da Fundação.

Escritor, crítico literário e professor, Portella também ocupou importantes cargos, como ministro da Educação, secretário de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, Diretor Geral Adjunto da UNESCO e presidente da Fundação Biblioteca Nacional. Membro da Academia Brasileira de Letras, ocupava a cadeira 27 desde 1981.

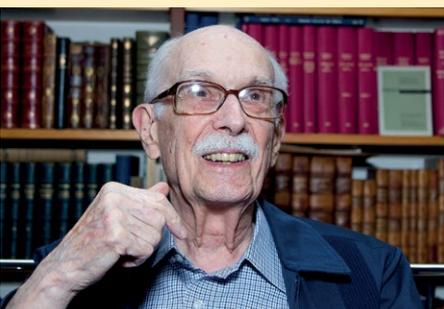
No exterior, foi nomeado em 1988 Diretor Geral Adjunto da UNESCO, onde ficou por cinco anos consecutivos. Ainda na UNESCO, foi Presidente da Conferência Geral da UNESCO entre 1997-1999. Coordenou desde 1998 o Comitê Chemins de la Pensée d'aujourd'hui (UNESCO-Paris) e foi eleito em 2000, e reeleito em 2003,

Presidente do Fond International pour la promotion de la Culture (UNESCO-Paris).

A FNLIJ teve o privilégio de contar com a colaboração de Portella, desde quando era ministro da Educação, reconhecendo a importância da instituição, apoiando-a e participando do seu Conselho administrativo. Mais recentemente, ele atuou como membro do Conselho Consultivo até a sua morte.

Diante da importância de Eduardo Portella para a FNLIJ, sua presidente, Isis Valéria, anunciou durante a cerimônia de abertura do 19º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens que uma homenagem a ele está sendo planejada.

Antonio Candido 1918-2017



Grande perda sentida pela FNLIJ foi o falecimento do crítico literário e sociólogo Antonio Candido no dia 12 de maio.

Candido iniciou a carreira como crítico literário nos anos 40, após se formar nos cursos de Direito e de Ciências Sociais na Universidade de São Paulo

(USP). Escreveu para jornais como *Folha da Manhã*, *Diário de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. Em 1974 tornou-se professor titular de teoria literária e literatura comparada na USP.

Autor de obras fundamentais para pensar a literatura brasileira, Candido escreveu o texto *O direito à literatura*, publicado no livro *Vários Escritos* pela editora Livraria Duas Cidades em 1995, em que defende a literatura como direito básico do ser humano por sua atuação no caráter e na formação das pessoas. O texto faz parte do catálogo da Babel Libros, da Colômbia, traduzido pela

especialista Silvia Castrillón.

Suas ideias e reflexões sobre a leitura literária, como direito, é bússola que norteia os princípios da FNLIJ e do Movimento Brasil Literário, na missão de ambos em promover e divulgar democraticamente a literatura.

Em sua página na internet, a FNLIJ divulgou o convite da professora Marisa Lajolo para homenageá-lo, ouvindo e discutindo suas ideias por meio de uma entrevista realizada pela revista *Brasil de fato – Uma visão popular do Brasil e do mundo* – publicada em 12.07.2011. A entrevista está disponível no site <https://www.brasildefato.com.br/node/6819/>.

Graça Ramos lança *Habitar a infância: como ler literatura infantil*

A jornalista Graça Ramos reuniu os textos publicados em seu blog *A pequena leitora*, do site do Globo, entre 2014 e 2015, no livro “Habitar a infância: como ler literatura infantil” (Tema Editorial), lançado no dia 13 de junho na livraria da Travessa de Ipanema, zona sul do Rio de Janeiro.

Graça, que também é doutora em História da Arte pela Universidade de Barcelona e mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília (UNB), acredita que a obra busca fazer uma reflexão e servir de referência para os mediadores de leitura dos pequenos leitores, sejam eles professores ou pais.

Os textos do blog foram divididos por seções: *Autores em foco*, *A arte de ilustrar*, *Políticas públicas e mercado editorial* e *Palestra na ABL*, o texto da conferência *A nova crítica da literatura infantil e juvenil*, apresentada na Academia Brasileira de Letras (ABL), ao lado da escritora e acadêmica Ana Maria Machado e a secretária geral da FNLIJ Elizabeth Serra em 2015.

Em sua obra, Graça oferece um panorama da LIJ brasileira com um olhar jornalístico, sem viés acadêmico, mas que aborda todos seus aspectos também do ponto de vista de uma leitora que adora o gênero. A autora também cita o Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens e a própria Fundação pelo seu trabalho em prol da literatura infantil e juvenil no Brasil.



O título está à venda nas livrarias ou pela site www.tema.editorial.com.br.

FNLIJ | SEÇÃO BRASILEIRA DO INTERNATIONAL BOARD ON BOOK FOR YOUNG PEOPLE – iBBY

Mantenedores Abacate Editorial Ltda; Associação Brasileira de Editores de Livros; Autêntica Editora Ltda; B4 Editores; Brasil Franchising Participações; Brinque-Book Editora de Livros Ltda; Câmara Brasileira do Livro; Cereja Editora Ltda; Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda; Cortez Editora e Livraria Ltda; Edelbra Indústria Gráfica e Ed Ltda; Edições SM Ltda; Ediouro Publicações S/A; Editora 34 Ltda; Editora Ática S/A; Editora Bertrand Brasil Ltda; Editora Biruta Ltda; Editora DCL; Editora do Brasil S/A; Editora FTD S/A; Editora Globo S/A; Editora Iluminuras Ltda; Editora José Olympio Ltda; Editora Lê Ltda; Editora Manole Ltda; Editora Melhoramentos Ltda; Editora Moderna Ltda; Editora Mundo Jovem 2004 Ltda; Editora Nova Fronteira Partic. S/A; Editora Original Ltda - EPP; Editora Paz e Terra Ltda; Editora Peirópolis Ltda; Editora Planeta do Brasil Ltda; Editora Positivo Ltda; Editora Pulo do Gato Ltda; Editora Record Ltda; Editora Rocco Ltda; Editora Scipione Ltda; Editora Schwarcz Ltda; Fund. Cult. Casa Lygia Bojunga; Girassol Brasil Edições Ltda; Global Editora e Distribuidora Ltda; Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas; Jorge Zahar Editora Ltda; Jujuba Editora; Leya Editora; Marcos Pereira; Meneghetti Gráfica e Editora Ltda; Pia Soc. Filhas de São Paulo; Pia Sociedade de São Paulo; PwC; RHJ Livros Ltda; Rovel Edições e Com. de Livros Ltda; Salamandra Editorial Ltda; Saraiva Educação; Scoppio Editoria Ltda; SDS Editora de livros EIRELI; Sesi SP Editora; Sindicato Nacional dos Editores de Livros; Vergara e Riba Editoras Ltda; Verus Editora Ltda e WMF Martins Fontes Editora Ltda.

Expediente Editor: Elizabeth D'Angelo Serra; Jornalista: Cristina Bacelar; Projeto Gráfico e Diagramação: Estúdio Versalete; Impressão: PwC. **Gestão** FNLIJ 2014-2017 Conselho Curador: Anna Maria Rennhack, Christine Castilho Fontelles, Guilherme Pinto Zincone, Laura Sandroni, Leonardo Chianca e Wander Soares; Conselho Diretor: Isis Valéria (Presidente), Daniele Cajueiro e Marisa de Almeida Borba; Conselho Fiscal: Henrique Luz, Marcos da Veiga Pereira e Regina Lemos; Suplentes: Jorge Carneiro e Roberto Ferreira Leal; Conselho Consultivo: Alfredo Weiszflog, Amir Piedade, Annete Baldi, Bia Hetzel, Eny Maia, Ione Meloni Nassar, José Alencar Mayrink, José Fernandes Ximenes, Lilia Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Antunes Cunha, Maria Bernadete Boff, Mariana Zahar, Paulo Rocco e Silvia Gandelman; Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Apoio

